

## As concepções e práticas dos jovens em relação às tecnologias digitais: uma contribuição para a inserção na educação

Maria Helena O. e Marinho<sup>1</sup>, Maria Helena S. Bonilla<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professora do Instituto Federal da Bahia (IFBA)  
Rua Emídio Santos s/n – Campus Salvador – 40301 105 – Salvador – Bahia – Brasil

<sup>2</sup>Professora da Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Avenida Reitor Miguel Calmon s/n – Campus Canela – 40110 100 – Salvador – Bahia – Brasil

mhelenamarinho@gmail.com, bonillabr@gmail.com

**Abstract.** *The objective of this article is to show how the youth has conceived these changes and how they have been establishing relations with the digital technologies in order to reflect about pedagogic interventions. In this sense, it was opted for the formation of focal groups constituted by youths that showed the incorporation of the digital technologies in their scholar practices, even without the school involvement. The information collected suggest that the practices with the digital technologies should be potentialized in favor of the knowledge's construction and, in a new dynamic, together, teachers and students, could trace different guidelines for the education.*

**Resumo.** *Esse artigo tem como objetivo mostrar como os jovens têm concebido e se relacionado com as tecnologias digitais e a partir daí provocar uma reflexão em torno de intervenções pedagógicas. À vista disso, optamos pela formação de grupos focais constituídos por jovens que revelaram estar agregando as tecnologias digitais às suas práticas escolares, mesmo sem o envolvimento da escola. As informações obtidas sugerem que as práticas com as tecnologias digitais poderiam ser potencializadas em favor da construção do conhecimento e, numa nova dinâmica, juntos, professor e alunos, poderiam traçar outros rumos para a educação.*

## 1. Considerações Iniciais

As tecnologias digitais – *internet*, PC, *notebook*, telefone celular, máquina fotográfica, TV interativa, *games*, etc. – são caracterizadas pela forma como as informações são convertidas na linguagem binária 1 e 0 (*bit*), ou seja, digitalizar uma informação significa codificá-la na forma numérica. Essas tecnologias se constituem no aperfeiçoamento racional do homem na busca pela facilidade de comunicação e informação a partir da convergência de imagem, som, texto e vídeo numa única mídia, o que é possibilitado pela codificação digital.

Sendo a *internet* um ambiente onde as pessoas buscam e trocam informações, interagem com outras pessoas, numa dinâmica *muitos com muitos*, é natural para os jovens, que cresceram conectados e foram se integrando ao mundo digital, ter maior intimidade com as novas mídias, em relação às pessoas que não tiveram essa experiência. Essa intimidade lhes foi fornecendo habilidades para realizar múltiplas tarefas simultaneamente, a partir de várias fontes de informação e de comunicação, potencializando o pensamento hipertextual.

Dessa forma, os jovens que nasceram na era da mídia digital e a utilizam naturalmente, interagindo, explorando, construindo e descobrindo informações estão acostumados a receber e emitir informações de forma rápida, fazer diversas coisas ao mesmo tempo e de forma aleatória.

Nesse contexto, a escola tem sido pressionada a acompanhar o desenvolvimento da sociedade informacional. Santos (2011, p.312) afirma que, diante das transformações que ocorrem na sociedade como um todo, as atuais práticas de ensino e de aprendizagem não contemplam os princípios norteadores da sociedade da informação, “[...] tais como: a autonomia, a independência na busca do conhecimento, a capacidade de autoformação, o pensamento hipertextual, a criatividade”.

O debate pela inserção das tecnologias na escola ecoa por meio dos discursos dos pesquisadores em defesa da mudança do modelo de produção do conhecimento. Para Pretto (1999), as tecnologias são essenciais e estruturam os novos modos de pensar e de produzir conhecimento. Com elas, os alunos podem construir a forma de aprender, experimentando, fazendo, errando, reconstruindo, acertando e testando hipóteses. Ou seja, o aluno terá a liberdade para construir novos conhecimentos de forma peculiar a cada um, a partir da experiência do fazer, do desfazer, do tentar sozinho ou com outros.

Considerando que o uso das tecnologias digitais na sociedade informacional tem sido uma temática relevante nas pesquisas em prol da estruturação de novas formas de aprender e conhecer e, também, que os jovens nascidos na era digital podem ter naturalmente habilidades em lidar com essas TIC, nosso objetivo é mapear o perfil de um grupo de jovens, em relação às concepções e às práticas nos usos das tecnologias digitais dentro e fora da escola. Visto que os índices de acesso à *internet* apontam que uma parte significativa das regiões brasileiras ainda está desassistida, especialmente a região Nordeste, realizamos o presente estudo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), no *Campus* Salvador, situado no bairro do Barbalho, para que pudéssemos compreender as relações entre o contexto, os sentidos e as práticas sociais e pedagógicas desenvolvidas por eles.

Foram realizados três grupos focais com estudantes de 15 anos (10), 16 anos (7), 17 anos (1) e 18 anos (1), totalizando 19 jovens, sendo 52,6% deles pertencentes ao gênero masculino e 47,6% ao gênero feminino.

## **2. As concepções e práticas dos jovens**

As discussões e reflexões em diversos fóruns a respeito das tecnologias digitais e suas potencialidades são intensificadas de forma recorrente, posto que a fluidez como acontecem as transformações socioculturais que ocorrem devido as formas de lidar com esses meios fazem com que as experiências sejam ressignificadas, especialmente para os jovens que são os interagentes mais assíduos. Nesse movimento, eles constroem concepções a respeito das TIC à medida que praticam uma diversidade de atividades na rede.

As concepções que construímos resultam do processo reflexivo e dinâmico elaborado a partir das experiências simultâneas individuais e coletivas. Para Giordan e Vecchi (1996), esse processo pessoal possibilita ao sujeito a construção mental do real, estruturando assim o modo como se percebe o mundo. Essa elaboração efetua-se por intermédio das vivências pessoais e também das relações mantidas com outros grupos, baseadas na ação cultural parental, na prática social escolar, na influência das mídias, nas atividades profissionais e sociais da vida. As concepções são, ao longo da vida humana, engendradas, complementadas e reestruturadas de modo que podem gerar novas concepções a partir das já existentes.

Sendo assim, a maioria dos jovens pesquisados concebe a *internet* como um espaço importante de expressão e comunicação, caracterizado pela agilidade na obtenção de notícias em tempo real, pelo compartilhamento de informações e pela oportunidade de interlocução. Percebemos isso na fala de Vitor: "... a *internet* é um meio de comunicação mais rápido já criado na história da humanidade, então se você fica muito tempo sem acessá-la você meio que se torna alienado e você se sente fora, meio que excluído, meio que à parte dessa situação atual do mundo..."

Esse depoimento mostra que esses jovens creditam à *internet* um significado relevante para a formação da rede de relacionamentos onde a informação circula de forma participativa, ampla, e que atingiu um nível que torna impossível ficar à parte dessa realidade. Hoje, a *internet* faz parte do cotidiano das pessoas e se transformou num referencial para todas as atividades humanas.

Para os jovens pesquisados, a compreensão de que a *internet* é um ambiente onde existem riscos, mas que seu uso pode ser administrado com segurança, é evidenciada de forma recorrente nas suas falas, por isso a questão da exposição de opinião e do conteúdo a ser divulgado é tratado por eles com reserva. Ana revela os sentidos que os demais atribuem ao uso seguro da rede: "... não sei se gostaria de ver minha imagem exposta no Youtube prá milhões de visualizações, porque você tá lá,

*todo mundo pode ver quantas vezes quiser, como quiser, falar o que quiser, porque a internet possibilita essa liberdade..."*

A conscientização dos potenciais problemas no ciberespaço é fruto da divulgação exaustiva da mídia, entretanto isso não desobriga a responsabilidade dos pais e professores em acompanhar e dialogar com os jovens sobre os riscos cibernéticos. Para Tapscott (1999), os jovens precisam desenvolver habilidades sociais, capacidade de argumentação e coragem para defender a si mesmos e aos seus valores, na escola, na rua, em casa, na *internet* ou em qualquer espaço social e, no processo de desenvolvimento, os pais podem contribuir ao estabelecer relacionamentos francos, compreender o potencial da mídia digital e compartilhar a experiência desse universo, bem como aceitar a cultura dos jovens.

Palfrey e Gasser (2011) sublinham que os perigos aos quais as crianças e os jovens estão expostos *online* são os mesmos que já existiam antes do advento da *internet*, apenas ocorrem em um novo ambiente e podem ser mais complexos. Os pesquisadores apontam como estratégias para mitigar os riscos: a realização de um trabalho em conjunto com a sociedade para que os jovens se desenvolvam em segurança não só no espaço social virtual como também no espaço presencial; o domínio das tecnologias digitais pelas crianças, pais, professores, polícia e operadores de *sites*; a criação de normas sociais positivas em torno do mundo virtual; e estabelecimento de leis. Na mesma perspectiva de Tapscott (1999), os pesquisadores afirmam que a prioridade máxima para salvaguardar os jovens dos riscos do ciberespaço é a educação pautada em conversa aberta, contínua e honesta.

A boa relação que os jovens participantes estabelecem com as tecnologias não os impede de apontar questões que consideram negativas a partir do uso sistemático da *internet*, e o distanciamento entre as pessoas foi apontado como uma perda para a sociedade. Na opinião de André, sem a *internet*, as relações de proximidade iriam ser mais valorizadas porque *"... a gente ia dar mais valor às pessoas, quanto à pessoa e não quanto ao que ela trás para a gente, só superficialmente"*. Para o jovem, a vida atualmente é caracterizada pela superficialidade, pois as pessoas podem estar agrupadas no mesmo espaço físico, porém sem interagirem, porque estão envolvidas individualmente com seus dispositivos tecnológicos. Bia corrobora essa ideia de isolamento ao relatar o que acontece com seu grupo de colegas: *"... atrapalha mesmo, tem hora que a gente 'tá' conversando, fazendo um trabalho, aí a gente para e todo mundo pega o celular e fica calado, aí eu falo: E aí, gente, a tecnologia 'tá' imperando aqui, vamos voltar?"* .

As considerações de André e Bia não são isoladas, visto que também faz parte do imaginário da sociedade a ideia de que as relações mediadas pelas tecnologias alienam e isolam as pessoas. Amparada por pesquisas realizadas no âmbito nacional e internacional, Nicolaci-da-Costa (2005) contrapõe o argumento de que os relacionamentos virtuais são frágeis e tornam as pessoas solitárias e descartáveis. De acordo com a pesquisadora, o temor inicial gerado pelas tecnologias e o desconhecimento da forma como as pessoas interagiam nesses ambientes causaram

muita confusão, contudo as pesquisas têm mostrado que as tecnologias digitais facultam contatos interpessoais de diversos modos, que preservam e fortalecem os relacionamentos virtuais. Esses relacionamentos não substituem aos presenciais, mas complementa-os.

É fato que, nos dias atuais, os modos de comunicação e de relacionamentos interpessoais se modificaram significativamente com a mediação das tecnologias digitais. E isso aconteceu de tal maneira que pensarmos como ou o que faríamos sem as TIC é um exercício que está associado às concepções e aos usos que fazemos delas.

Assim, ao serem convidados a imaginar a vida sem as tecnologias digitais, a reação de alguns participantes foi de indignação, pois, para eles, o mundo seria monótono, visto que ficaríamos limitados a uma única visão, não teríamos acesso à inesgotável fonte de informações como temos com a rede, de modo que ficar sem a internet seria “*tediante, muito tediante...*” (Laura); “*horrível!*” (Maria).

A internet produz nesses jovens o sentimento de liberdade, de empoderamento, ao zapear pelo universo virtual em busca de informações e ao estabelecer a comunicação com amigos e parentes distantes, como justifica Liz: “[...] *eu tenho pessoas da minha família que moram em outro lugar [...]*; a internet hoje tem o Skype, você pode ver as pessoas por meio de uma tela e justamente por isso que eu não me imagino sem internet”. O jovem Tiago afirma que seria muito frustrante, pois teria a liberdade de expressão cerceada: “[...] *seria quase como se ficar preso numa sala escura sem poder expor sua opinião e poder ouvir [...]* como se fosse preso numa cadeia, recebendo informação sem poder liberar [...]”. A dificuldade de alguns adolescentes em supor a vida sem as tecnologias digitais é porque estas tornaram-se elementos muito fortes da cultura do jovem (Tapscott, 1999), mesmo numa região em que os índices de acesso ainda são os menores do país. A região Nordeste, apresentava na época da pesquisa, um índice de acesso de 34%, enquanto nas demais regiões tínhamos: Sul (50,1%), Centro-Oeste (53,1%) , Sudeste (54,2%) e Norte (35,4%) (IBGE/Pnad, 2013).

Para esses jovens, não dá mais para ser apenas receptor, eles têm a necessidade de se expressar, de se comunicar e de compartilhar ideias, pensamentos e experiências. De forma geral, as práticas, com as tecnologias digitais, que envolvem a socialização – constituição de grupos, partilha de conteúdo, comunicação interpessoal –, vão sendo construídas naturalmente à medida que vivenciam novas experiências e buscam facilitar a aprendizagem coletiva. Vale ressaltar que eles têm feito essa caminhada sem a mediação da escola, que se mantém à parte dessa dinâmica.

### **3. As TIC na escola**

A escola, presa a ritos e padrões, não acompanhou as transformações sociais que aconteceram à sua volta e mantém-se distanciada do que tem ocorrido no seu contexto.

Mesmo assim, os jovens trazem para a escola as tecnologias digitais e desenvolvem algumas atividades fazendo uso delas.

O cumprimento de tarefas escolares por meio de *sites* de pesquisa é o conteúdo mais assinalado pelos jovens pesquisados nos três grupos focais realizados. Percebemos a existência do “grupo da turma”, um grupo no *Facebook*, que o utiliza na prática escolar para o compartilhamento de vídeos, fotos, textos e outros materiais de estudo. Utilizam os *chats* da plataforma para se ajudarem mutuamente e bater papo. O uso dessa plataforma é generalizado entre os participantes da pesquisa e tornou-se uma unanimidade, praticada até por aqueles que não são muito “amigos do Face”.

Os jovens ultrapassaram as paredes da sala de aula e migraram as relações da escola para qualquer outro lugar onde eles possam estar, sendo o processo comunicacional entre eles permeado por intensa troca de informações, experiências e saberes, imprimindo uma cultura colaborativa que os caracteriza.

Outra prática adotada pelos jovens participantes da pesquisa é o uso do celular durante as aulas: o professor explica, coloca no quadro as anotações relativas ao conteúdo trabalhado e os alunos copiam, contudo, para agilizar o processo da cópia, os alunos tiram a foto do quadro antes que o professor apague as anotações para colocar outras. A fala de Rafael sintetiza o sentimento dos outros participantes ao revelar a reação de alguns professores a esse uso:

*Os professores, eles não gostam mesmo, [...] eles odeiam esse tipo de comportamento [...] Acho que os professores deviam meio que compreender isso, poxa como é que o aluno vai copiar e ao mesmo tempo prestar atenção, ele tem que tirar foto mesmo, tem que usar a tecnologia a favor. (Rafael)*

A rejeição ao uso do celular, para esse fim, não é partilhada por todos os professores, entretanto, a maioria tem barrado a entrada do dispositivo na sala de aula, que muitas vezes é utilizado para abreviar a tarefa de copiar as anotações do quadro. A prática autoritária é centralizada no professor, não possibilitando aos alunos buscar outros caminhos para a construção do conhecimento.

Por outro lado, existem professores que apresentam reações diferenciadas quanto ao uso do celular na sala de aula: “... acredito que eles [os professores] já estão começando a se acostumar com essa questão, não reclamam muito. (João).

João sinaliza que alguns professores começam a permitir o uso do celular, o que sugere uma possível aceitação das tecnologias na sala de aula. Outros depoimentos contribuem para essa análise, dado que, em um caso ou outro, o professor solicita que os alunos acessem a *internet* para sanar alguma dúvida emergida durante a aula. Ressalta-se, contudo, que essa prática docente é ainda muito incipiente para que se possa vislumbrar uma mudança na sala de aula.

As formas de uso do celular apontadas pelos jovens participantes mostram que esse dispositivo entrou na escola e está sendo utilizado de forma ‘criativa’ pelos alunos, sem que outros modos de uso possam ser explorados pelos professores para a

articulação de novas práticas envolvendo o ensino e a aprendizagem. É necessário que haja, sobretudo na educação, um processo de construção e reconstrução de concepções, de linguagem, de postura para que reflexões possam ser feitas a respeito da implicação das tecnologias no mundo contemporâneo (Bonilla, 2002). Percebemos que temos um campo fértil, contudo não sabemos ainda como explorá-lo.

Quando questionado sobre as expectativas que os jovens participantes têm de usar as TIC na escola, André, inicialmente, mostra-se cauteloso para fazer suposição de algo que não foi ainda experienciado:

*"Eu não sei, particularmente, eu não sei, porque você avaliar uma coisa teoricamente é diferente de você ver ela na prática [...] é fácil dizer que isso é bom, mas a partir de quando você levar isso pra prática vai ser uma coisa diferente, nem tudo que você idealiza sai igual ao que você faz na prática. Então, pra você dizer se vai ser bom ou ruim, é melhor você testar primeiro, eu não sei. (André)*

Mas, em seguida, demonstra que, com a insatisfação gerada pelas práticas desenvolvidas na sala de aula, a presença das tecnologias atrairá mais atenção do aluno do que a aula. Isso porque, no imaginário desses jovens, prevalece a ideia de que não existem formas de conciliar as tecnologias e o espaço da sala de aula, dado que as tecnologias dispersariam a atenção dos alunos. A ideia da dispersão indica a insatisfação dos jovens com o que acontece no cotidiano das aulas.

Percebe-se que os jovens participantes estão tão implicados na prática pedagógica mecanicista que não conseguem vislumbrar a possibilidade de outra dinâmica de aula mediada pelo professor em que se utilizem dispositivos diferentes do quadro e do piloto. Isso revela que o jovem prima pelo paradigma tradicional de aquisição do conhecimento, que é baseado na transmissão de conhecimento do professor para os alunos, como algo pronto, ao invés de ser construído de forma coletiva. Na perspectiva da construção coletiva do conhecimento, a direção mais promissora, segundo Lévy (1999), é a da aprendizagem cooperativa, onde o professor e os alunos aprendem e continuamente atualizam tanto seus saberes disciplinares como suas competências pedagógicas.

Quando falamos de tecnologia e educação, percebemos que os jovens participantes têm arraigada a ideia da recepção passiva, que o conhecimento pode ser transferido de um para outro e que quem tem o domínio do saber é o professor e, em momento algum, eles questionam esse saber. Diferentemente da prática participativa desses jovens fora da escola, no espaço da sala de aula, o comportamento deles contradiz o argumento de Tapscott (1999) de que os jovens atualmente não aceitam mais a passividade. Nesse sentido, os jovens participantes da pesquisa não conseguem integrar as tecnologias à educação por entenderem que se trata de perspectivas distintas.

Ficam evidenciados o descontentamento com o modelo tradicional das aulas e a satisfação com a possibilidade de saírem da passividade e interajam coletivamente. Os jovens participantes ressaltam o poder de sedução que os dispositivos tecnológicos exercem sobre eles, o que seria uma sugestão para potencializar a motivação durante as aulas. Um dos jovens sugere a utilização da tecnologia para explorar modelos e se empolga com o que parece ter sido um *insight* no momento do relato. Outros levantam a possibilidade de os alunos interagirem com a aula e manifestam o desejo de ter aula dinâmica, “mais tecnológica”, que desperte o interesse e a participação ativa dos alunos. Sugerem também o modo de realizar a dinâmica pedagógica por meio de acordo entre professor e alunos, dando a ideia de coparticipação, o que incentivaria os alunos a expressar suas ideias.

Compreendemos que, mesmo utilizando as tecnologias digitais no cotidiano para a construção de novas práticas, os jovens participantes não ultrapassam o modelo da prática pedagógica conservadora, por ser a única que experienciaram durante toda vida escolar. A mudança da prática pedagógica tradicional para outra prática que valorize a participação dos alunos não é algo fácil de acontecer. Para Pretto (2013), essa mudança só será possível mediante a revisão urgente na formação de professores e no papel das universidades na área de educação. Santaella (2013, p. 126) também coloca urgência nessa mudança, pois “[...] a velocidade tomou conta do mundo e se há uma área da ação humana que não permite que fiquemos à janela vendo a banda passar, essa área é a da educação”. Portanto, a dinamicidade dos jovens precisa ser estimulada, e à escola cabe essa iniciativa, pois, do contrário, a aula permanecerá desinteressante sem que os jovens se rebelem contra essa dinâmica que os acomoda na posição de inferioridade e submissão.

Sobre o meio de fazer as pesquisas escolares, não encontramos uma escolha uniforme entre os jovens participantes da pesquisa; alguns deles preferem usar a *internet* pela rapidez e pela diversidade de opções oferecidas pela rede enquanto outros preferem o livro impresso por acharem mais confiável e seguro, no que diz respeito a mantê-los focados nos estudos, o que na rede nem sempre acontece por causa dos anúncios, fáceis de desviar a atenção.

Os jovens participantes não concebem a ideia da parceria da escola com as redes sociais digitais, pois afirmam que as TIC deveriam fazer parte do cotidiano da escola e seriam muito bem-vindos, mas, “... as redes sociais deveriam ser bloqueadas e o Google, os sites de pesquisa e tal, aí sim, a gente poderia usar pra estudar”. (Nina).

A fala da jovem traz, a censura em integrar as redes sociais à educação, o que leva a ratificar que esse discurso é inculcado nos jovens pelos adultos porque desconhecem as potencialidades das redes sociais. Santaella (2013, p.125) considera que devem ser investigados o potencial e as contribuições que a cultura colaborativa e participativa das redes sociais e dos processos que elas estimulam de transmutação de subjetividades, podem trazer para a aprendizagem.

Diante das compreensões adquiridas no percurso desta pesquisa, é possível afirmar que os jovens que encontramos não apresentam um comportamento unívoco

em relação às tecnologias digitais, pois estão expostos a situações de vida diferenciadas e, por isso, dão significados e reverberam seus gostos e sentimentos pelas tecnologias de forma ímpar. As concepções e práticas que eles têm em relação às tecnologias digitais são compatíveis com jovens que vivem imersos num mundo tecnológico, mas sem serem interagentes extremados; apresentam potencial e estão prontos para que esse potencial seja explorado, de modo que a sua passagem pela escola represente o desenvolvimento de todas as suas potencialidades. Para a escola, está posto o desafio de criar condições para oferecer a esses jovens novas formas de construção do conhecimento, diferentes das promovidas pela forma autoritária e tecnicista.

#### **4. Considerações finais**

As consecutivas e velozes mudanças ocorridas nas últimas décadas, quando da difusão da *internet* e da configuração da cultura da mobilidade, alteraram significativamente o comportamento da sociedade, principalmente dos jovens, por estarem imersos no mundo digital, com mais regularidade.

Entretanto, não se pode generalizar que, em todas as atividades humanas, essas alterações já tenham acontecido plenamente. A exemplo disso, a educação ainda engatinha na exploração das possibilidades que as tecnologias digitais podem oferecer para dar o salto, tão desejado e debatido, na qualidade de novas metodologias de ensino. A expectativa é que essa mudança aconteça na escola e seja capitaneada por todos os seus interlocutores: pesquisadores, professores, governantes, dirigentes, pais e alunos.

Diante das alternativas de inserção das tecnologias digitais para dinamizar a educação, a escola resiste aos aparatos tecnológicos e as aulas continuam as mesmas; o professor fala, escreve e o aluno copia. Convivendo com as tecnologias digitais fora da escola, na perspectiva colaborativa, os jovens, desmotivados ante a tradicional prática pedagógica, estão forjando novas práticas com o auxílio desses aparatos. Eles estão agregando as tecnologias digitais às suas práticas escolares sem que a escola participe desse movimento. Assim, o cenário educacional está em descompasso com os anseios dos jovens que frequentam as salas de aula.

A responsabilidade da educação em não acompanhar as transformações vivenciadas pela sociedade, nessas últimas décadas, não é só dos professores, mas é preciso aventurar-se e sair da zona de conforto em busca de novas metodologias que correspondam às expectativas dos alunos, que enchem as salas de aula e estão prontos para interagir num processo onde todos podem colaborar. E, nesse processo, não tem espaço para o “dono do saber”, mas para o mediador; este, sim, é bem-vindo.

Compreendemos que a presença da escola, no que diz respeito à participação nas práticas dos jovens em relação às TIC, poderia fazer a diferença no sentido de preencher essa lacuna para a realização de todas as atividades que podem ser desenvolvidas na rede. Para a maioria desses jovens, as expectativas para a inserção das TIC no contexto escolar se restringem à utilização dos aparatos tecnológicos como ferramentas para

motivação das aulas. Entretanto, as TIC podem assumir significado muito mais importante do que mero recurso didático pedagógico. É preciso inseri-las na educação de forma que sejam apropriadas de modo estruturante no processo, e isso significa dizer que as TIC devem ser concebidas como “[...] um elemento carregado de conteúdo, como representante de novas formas de pensar, sentir e agir que vêm se constituindo na sociedade contemporânea, o que desloca o seu uso de uma racionalidade operativa para uma racionalidade complexa, aberta, polifônica” (Bonilla, 2002, p.279).

As análises das falas dos jovens que participaram desta pesquisa ratificam os argumentos de que a escola precisa trazer, para o cotidiano de suas salas de aula, novas modalidades do fazer pedagógico. Para tal, as TIC estão sendo indicadas como potencializadoras para afinar as demandas sociais contemporâneas com os anseios dos alunos que as procuram, pois tão ou mais importante quanto instruir técnicos competentes é formar cidadãos críticos e conscientes do mundo de que eles fazem parte.

## Referências

- Bonilla, M. H. (2002). Escola aprendente: desafios e possibilidades postos no contexto da Sociedade do Conhecimento. 2002. 304 f. Tese (Doutorado em educação)- Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Giordan, A., Vecchi, G. (1996). "As origens do saber: das concepções, dos aprendentes aos conceitos científicos". Artes Médicas. 2. ed.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2013). "Censo demográfico de 2010". Rio de Janeiro, 2013, p.1-203. Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/000000129623\\_05122013234016242127.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/000000129623_05122013234016242127.pdf) >. Acesso em: 31 maio 2014.
- Lévy, P. (1999). Cibercultura. Editora 34, 3ª. Edição.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, n. 17, p. 50-57, maio/ago. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n2/27044.pdf> >. Acesso em: 3 abr. 2014.
- Palfrey, J., G. U. (2011) Nascidos na era digital. Artmed.
- Pretto, N. D. L. (1999). "O futuro da escola". *Jornal do Brasil*, 28 nov. Disponível em: <<http://www2.ufba.br/~pretto/textos/jb281199.htm>>. Acesso em: 3 ago. 2012.
- Pretto, N. D. L. (2013). Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia. EDUFBA.
- Santaella, Lucia. (2013). Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação. Paulus.
- Santos, G. L. (2011). Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas. *Educação e pesquisa*, p. 307-312.
- Tapscott, D. (1999). Geração digital: a crescente e irreversível ascensão da geração net. Makron Books.